

O QUE DIZEM OS MEMES DA EDUCAÇÃO NA PANDEMIA? DILEMAS E POSSIBILIDADES FORMATIVAS

■ TANIA LUCÍA MADDALENA

<https://orcid.org/0000-0002-3949-6491>

Universidad Internacional de La Rioja

■ DILTON RIBEIRO COUTO JUNIOR

<https://orcid.org/0000-0002-5221-7135>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

■ MARCELLE MEDEIROS TEIXEIRA

<https://orcid.org/0000-0002-1799-2769>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O trabalho se propõe a discutir as imagens-dizeres expressos nos *memes* produzidos no contexto da COVID-19, doença descoberta na China após casos registrados em dezembro de 2019 pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. Devido ao seu alto poder de transmissão, em apenas três meses, foi declarada a pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em meio ao foco na contenção da circulação do vírus em escala global e às reconfigurações das práticas culturais, cabe a nós, pesquisadores do campo educacional, pensar sobre as implicações dessa pandemia para os processos formativos cotidianos no contexto da cibercultura. Os *memes* analisados, capturados nas redes sociais Facebook, Twitter e WhatsApp entre os meses de março e julho de 2020, retratam nossa preocupação diante do aumento significativo de instituições de educação básica e de ensino superior que estão optando pela Educação a Distância (EaD) massiva e por práticas de ensino remoto. Concluímos argumentando que as tecnologias digitais, por si só, não são capazes de revolucionar os processos de ensinar-aprender e que a pandemia pode ser uma oportunidade importante para professoras(es) colocarem em prática uma reflexão sobre suas próprias dinâmicas pedagógicas, fazendo da internet um campo de experimentação educacional prazeroso em tempos de isolamento físico.

Palavras-chave: Pandemia. *Memes*. EaD. Educação *on-line*. Ensino remoto.

ABSTRACT **WHAT DO EDUCATION MEMES TELL US DURING THE PANDEMIC? DILEMMAS AND FORMATIVE POSSIBILITIES**

This paper aims to discuss the images-sayings expressed in memes produced in the context of COVID-19, a disease discovered in China after the appearance of cases of the new coronavirus SARS-CoV-2 in December 2019. Due to its high transmission rate, the World Health Organization (WHO) declared COVID-19 a pandemic in only three months. In the midst of a clear focus on containing the virus circulation on a global scale and on reconfiguring cultural practices we, researchers of the Educational field, must think about the implications of this pandemic on everyday educational processes in the context of cyberculture. We captured and analyzed memes on Facebook, Twitter and WhatsApp between March and July 2020, which portray our concern regarding the significant increase in basic and higher education institutions that are opting for Distance Learning and remote teaching practices. We conclude by arguing that digital technologies alone are not capable of revolutionizing the teaching-learning processes and that the pandemic can be an important opportunity for teachers to reflect upon their own pedagogical practices, making the internet a space of enjoyable educational experimentation in times of physical isolation.

Keywords: Pandemic. Memes. Distance Learning. Online Education. Remote teaching.

RESUMEN **¿QUÉ DICEN LOS MEMES SOBRE LA EDUCACIÓN EN LA PANDEMIA? DILEMAS Y POSIBILIDADES FORMATIVAS**

El presente trabajo tiene como objetivo principal discutir las imágenes y los discursos reflejados en los memes sobre la educación, producidos en el contexto del COVID-19, enfermedad descubierta en China en diciembre del 2019 causada por el nuevo coronavirus SARS-CoV-2. Debido a su alta capacidad de transmisión, en solamente tres meses se declaró pandemia por la Organización Mundial de la Salud (OMS). En medio de la contención de la circulación del virus a escala global y las reconfiguraciones de las prácticas culturales, sentimos la necesidad, como investigadores del campo educativo, de pensar y reflexionar sobre los impactos de la pandemia en los procesos formativos cotidianos, en el contexto de la cibercultura. Los memes analizados, circularon en las redes sociales Facebook, Twitter y WhatsApp entre marzo y julio del 2020, retratan nuestra preocupación ante el aumento significativo de instituciones educativas que

están optando por métodos masivos de Educación a Distancia (EaD) y prácticas de enseñanza remota. Concluimos argumentando que las tecnologías digitales, por sí solas, no son capaces de revolucionar los procesos de enseñanza-aprendizaje y que la pandemia puede ser una oportunidad importante para que los profesores pongan en práctica una reflexión sobre sus propias dinámicas pedagógicas, haciendo de internet un campo de experimentación educativa placentero en tiempos de distanciamiento físico.

Palabras clave: Pandemia. Memes. EaD. Educación en línea. Enseñanza remota.

#Fiqueemcasa: notas introdutórias

Vimos acompanhando com preocupação e tristeza o surgimento do novo coronavírus SARS-CoV-2, cuja primeira contaminação registrada em seres humanos ocorreu em território chinês no final de 2019. Em três meses, devido ao alto poder de contágio, foi decretada pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS)¹. Para expressar em termos quantitativos o cenário devastador da nova doença para a humanidade, os dados oficiais da OMS² mostraram que em 2020 o mundo contabilizou mais de 69 milhões de casos confirmados de pessoas infectadas e mais de 1.580.000 mortes e, especificamente no Brasil, foram cerca de 180 mil óbitos. Os níveis alarmantes de transmissão e a gravidade dos casos provocaram preocupação mundial, principalmente por não haver ainda tratamentos específicos para a COVID-19 cuja eficácia estejam cientificamente comprovadas. No entanto, já no final de 2020 alguns países europeus começaram a campanha de vacinação, com a britânica Margaret Keenan, de 90 anos, tornando-se a primeira pessoa no mundo a receber a vacina contra o

novo coronavírus³. Diante desse cenário, inúmeras medidas de contenção vêm sendo tomadas, tais como a suspensão de determinados serviços considerados não essenciais, ao passo que também vimos percebendo a necessidade de repensar nossas práticas culturais cotidianas em tempos de pandemia, buscando nas dinâmicas ciberculturais formas de continuar a interagir-aprender-ensinar com outras pessoas geograficamente dispersas.

As recomendações da OMS reiteram a necessidade do chamado “isolamento social” ou “isolamento domiciliar”, uma vez que a(o) infectada(o) pode ser assintomático ou ter apenas sintomas leves, parecidos com os de uma gripe, mas que não devem ser desconsiderados frente aos casos mais graves, como os que acometem o sistema respiratório e podem levar a óbito. No entanto, faz-se necessário refletir sobre o uso do termo “isolamento social”, como defende Henrique (2020), compreendendo que, na verdade, estamos diante de um momento de “isolamento físico”. Cabe questionar a expressão ao considerarmos que as tecnologias digitais com conexão à rede favorecem continuarmos interconectadas(os) e em interação com outras(os) internautas por

1 Organização Mundial da Saúde (OMS) declara pandemia. Disponível em: <<https://is.gd/op2NyE>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

2 Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

3 Disponível em: <<https://bit.ly/3gF1SeF>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

meio das redes sociais digitais, que permitem “a conversação livre, a desterritorialização planetária” (LEMOS, 2010, p. 26).

A humanidade já enfrentou outras graves crises socioeconômicas decorrentes de pandemias que mudaram radicalmente a vida das pessoas (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). No entanto, a quarentena que vivemos hoje é inédita. Se antes da popularização da internet o isolamento físico era praticado assistindo da janela aos espaços públicos esvaziados, com a cibercultura, hoje temos a chance de abrir outras “portas” para o mundo, ocupando as redes sociais da internet na presença de muitas(os) outras(os) internautas (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). Dessa forma, a novidade do nosso século é a possibilidade de fazermos das tecnologias digitais em rede uma aliada na construção de uma ampla rede de debate capaz de fomentar discussões sobre o planejamento de processos educacionais de qualidade, possibilitando “aos professores e estudantes discutirem juntos estratégias que viabilizem uma discussão crítica do momento que estamos vivendo” (ALVES, 2020, p. 361). Carecemos de respostas definitivas e concretas para os desafios que vimos enfrentando, o que implica, mais do que nunca, nós nos mobilizarmos para colocar em prática o planejamento e a implementação de novas educações em tempos de pandemia.

Como praticantes das dinâmicas ciberculturais, reconhecemos as possibilidades do digital em rede para nos proporcionar formas de ensinar-aprender mais colaborativas, fazendo com que, juntas(os), sejamos capazes de construir novos olhares sobre nossos contextos socioculturais (LEMOS; LÉVY, 2010). O cenário sociotécnico contemporâneo, denominado cibercultura (SANTOS, 2011), vem mobilizando/agregando sujeitos em torno de uma rede gigantesca de informação que tem a potência de “forjar novas subjetividades e ampliar as possibilidades de arenas de debates, numa poli-

fonia rizomática cujos contornos ainda principiamos por compreender a dimensão e os desdobramentos” (COUTO JUNIOR; VELLOSO; SANTOS, 2020, p. 104).

Em tempos de pandemia, não seria demais supor a necessidade de construirmos novas estratégias de cooperação planetária. Sob essa perspectiva, internautas de todo o mundo vêm colocando em prática mensagens solidárias como #fiqueemcasa e #stayathome, que buscam alertar quanto à importância do chamado isolamento físico. Essas *hashtags* fazem parte de um movimento na rede que almeja conscientizar as pessoas sobre os perigos da doença altamente contagiosa, que vem fazendo com que muitos países do mundo, mesmo aqueles com melhores condições e infraestrutura, estejam com dificuldade de atender às demandas da população. Assim como a mutação do vírus, também precisamos aprender a reconfigurar nossas práticas sociais, transformando-nos para permanecer vivas(os) (PRECIADO, 2020). Com a pandemia, é urgente que haja o fortalecimento das ações colaborativas, fazendo do digital em rede nosso aliado na busca pelo planejamento de ações que sirvam para minimizar os problemas sociais desencadeados pelo novo coronavírus. Nesse cenário, há demanda por novas estratégias educacionais envolvendo sujeitos geograficamente dispersos, e por isso precisamos (re)pensar os rumos da Educação frente às reconfigurações sociais engendradas pela pandemia.

Como pesquisadores do campo educacional e implicados com os estudos em cibercultura, interessa-nos discutir as imagens-dizeres expressos nos *memes* produzidos no contexto da pandemia e pensar em suas implicações para os processos formativos cotidianos em tempos de cibercultura. Nossa preocupação diante do atual cenário social recai sobre o fato de que vem havendo aumento significativo das instituições de ensino de educação básica e de

ensino superior pela chamada Educação a Distância (EaD) e pelas práticas de ensino remoto emergenciais.

A expressão “ensino remoto emergencial”, muito utilizada desde que foi decretada a pandemia pela OMS, caracteriza as práticas educativas nas interfaces digitais que vêm sendo desenvolvidas por grande parte das escolas e universidades, públicas e particulares, de todo o Brasil. Aqui, é importante esclarecer que não há uma definição unívoca para o conceito “ensino remoto emergencial”, mas rastros que demonstram práticas voltadas às videoconferências, com horas marcadas para emissão da aula de forma síncrona, nas quais se garante o encontro do(a) professor(a) com a turma (SANTOS, 2020). Em decorrência disso, há muitas críticas sobre o quanto o excesso de aulas *on-line* tem gerado desgastes e exaustão mental por parte das(os) estudantes e professoras(es). Essas práticas carregam algumas características da EaD massiva, no sentido da transposição de materiais para o autoestudo. Em muitos casos, não há tempo de planejamento dos cursos nem planificação uniforme de todas as disciplinas, e sim uma adaptação aligeirada frente à situação da pandemia.

Não discordamos da potência da modalidade EaD e do ensino remoto nos processos formativos, mas vimos defendendo a educação *on-line* como fenômeno da cibercultura e que pode nos ajudar a compreender as possibilidades de ensinar-aprender mediados pelo digital em rede (SANTOS, 2010; SANTOS; CARVALHO; PIMENTEL, 2016; MADDALENA, 2018). Defendemos que EaD e ensino remoto não são sinônimos da educação *on-line*; pelo contrário, são concepções diferentes, na medida em que exigem metodologias próprias que podem inspirar mudanças profundas no modelo de transmissão. A educação *on-line* constitui, portanto, uma emergência da cibercultura, que tem como premissa básica o hipertexto e a interatividade

(SANTOS, 2010). Afinal, “autoria de recursos nessas linguagens, a colaboração entre sujeitos e a circulação pelas diversas interfaces são características fundantes da educação *online*” (MADDALENA, 2018, p. 36). Nessa ambiência, o sujeito, além do aprendizado direto com o conteúdo, navega por diferentes interfaces, de forma síncrona e assíncrona. Enquanto nos processos comunicacionais síncronos há a expectativa de que a resposta seja imediata, na comunicação assíncrona, não há essa expectativa (RECUERO, 2009). Frente a isso, concordamos que existem muitas possibilidades formativas a serem exploradas no contexto da cibercultura; por isso cabe o desafio de refletir sobre a educação que vem sendo oferecida na rede durante o período de quarentena.

Em tempos de pandemia, analisar os *memes* que discutem a relação docência-tecnologia nos convida a (re)pensar o que significa explorar as potencialidades do digital em rede para promover novos ensinamentos-aprendizagens. Diversos estudos vêm apostando na análise dos *memes* porque fornecem disparadores reflexivos importantes que elucidam os acontecimentos sociais cotidianos. Desde já reconhecemos os *memes* não como meras imagens que ilustram as banalidades do dia a dia e que são comumente vistos como lixo virtual sem importância (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019). Os *memes* constituem-se como parte do cenário sociotécnico da cibercultura, potencializam os processos comunicacionais entre internautas (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019) e narram momentos históricos (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019), convidando-nos a um olhar de alteridade sobre as diferentes formas com as quais vemos/compreendemos o mundo (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016). Dito isso, analisar *memes* com ênfase naqueles que evidenciam o papel docente frente à pandemia do novo coronavírus significa nos lançarmos, como

pesquisadores da educação, em um desafio de buscar uma melhor compreensão dos processos formativos na cibercultura.

A seguir, discutimos nossa aposta na cartografia digital como método de pesquisa na cibercultura. Posteriormente, apresentamos e analisamos alguns *memes* a partir dos quais refletimos sobre ensino remoto emergencial, EaD, educação *on-line* e os dilemas dos processos formativos na pandemia. Para encerrar, realizamos algumas considerações finais, nas quais deixamos nossa reflexão sobre como estamos aprendendo a lidar com a própria mutação do novo coronavírus, que nos coloca como desafio rever o papel da educação na transformação do mundo.

Cartografia digital como método de pesquisa na cibercultura

Analisar os *memes* da pandemia enquanto também experienciamos este momento caótico de contaminação mundial significa lançarmo-nos no desafio de tecer reflexões com cuidado redobrado. Nesse sentido, cartografamos em/na rede conforme mergulhamos nas intensidades do nosso tempo e reiteramos que as reflexões tecidas neste texto não objetivam encerrar/esgotar a discussão; pelo contrário, elas são provisórias, “até que se imponha a necessidade de descobrir/inventar novas cartografias” (ROLNIK, 2011, p. 26). O trabalho tece considerações provisórias sobre um momento singular no mundo que vem exigindo de nós um posicionamento ético-político no que diz respeito à formação na cibercultura. Com a cartografia, entendemos a necessidade de nos voltarmos para os fenômenos sociais que nos afetam (KASTRUP, 2015), como é o caso da produção intensa de *memes* decorrentes da pandemia pelo novo coronavírus, cujas imagens-dizeres vêm colocando em debate as novas demandas educacionais no cenário mundial.

Os *memes* apresentados e analisados neste texto, produzidos e compartilhados por internautas de todos os cantos do país, convidam a olhar atentamente para os diferentes contextos socioculturais de seus praticantes. Sob essa perspectiva, interessa-nos analisar algumas das transformações sociais desencadeadas pela pandemia, que vem fazendo com que muitas escolas e universidades do país estejam reinventando suas metodologias de ensino, dando continuidade a um trabalho antes oferecido presencialmente. A implementação do ensino *on-line* nos faz refletir sobre seus impactos na vida das(os) estudantes e professoras(es). Somando-se a isso, interessa-nos investigar como as redes sociais se configuram como espaço importante de análise, haja vista que o compartilhamento de conteúdos informacionais como os *memes* apresentam críticas referentes às novas formas de aprender-ensinar das pessoas, inclusive daquelas que estão tendo o contato pela primeira vez com o ensino mediado por tecnologias digitais em rede.

A potência da cibercultura permite-nos emitir informações e interagir com outros sujeitos, garantindo a participação das(os) internautas em processos comunicacionais mais colaborativos (LEMOS, 2010). Dessa forma, ensinamos-aprendemos com o outro baseado nos *memes* que criamos e partilhamos em rede sem, no entanto, nem sempre sabermos quem são as(os) idealizadoras(res) da imagem-mensagem. Não obstante, concordamos que “o *meme* não é fruto de uma criação pessoal, mas consequência de uma rede de agenciamentos” (NOLASCO-SILVA; SOARES; BIANCO, 2019, p. 124, grifo dos autores)⁴. Concordamos que tal agenciamento, parte integrante da forma

⁴ O site (<https://www.gerarmemes.com.br>), além de importante ferramenta de criação de *memes*, é um repositório de *memes* que pode ser utilizado gratuitamente pelas(os) internautas.

como interagimos com o outro em tempos de cibercultura, convida-nos a um olhar dialógico e de alteridade na medida em que buscamos analisar interpretativamente os cotidianos sociais expressos nas narrativas engendradas pelos *memes*.

Destacamos que os *memes* selecionados foram capturados nas redes sociais Facebook, Twitter e WhatsApp entre os meses de março e julho de 2020; foram selecionados porque permitem fomentar reflexões sobre alguns dos dilemas e possibilidades formativas em tempos de isolamento físico. Concordamos que precisamos investir mais em pesquisas no contexto cibercultural que explorem a produção e o compartilhamento dos *memes*, pois reconhecemos que a “popularização do digital em rede vem abrindo amplas possibilidades para que possamos experimentar uma dinamicidade comunicacional que prevê a interação com outras/os internautas para além da palavra escrita” (COUTO JUNIOR; POCAHY, CARVALHO, 2019, p. 20).

A cartografia articula os efeitos da subjetividade e das relações de saber-poder, que colocam a constituição do sujeito em evidência (PRADO FILHO; TETI, 2018). Desse modo, as interações em/na rede mediadas pelo uso de *memes* podem atuar como uma forma de problematização às (re)configurações sociais e políticas que vêm emergindo durante o período da pandemia do novo coronavírus. Apropriamo-nos do método cartográfico não com o objetivo de perseguir uma “verdade”, mas focalizar nosso olhar sobre como os territórios são constituídos em meio a uma paisagem dinâmica que se reconfigura constantemente (ROLNIK, 2011).

Em meio a uma quantidade exponencial de *memes* produzidos e compartilhados intensamente pelas(os) internautas, o percurso de nossa cartografia recai sobre os *memes* que elencam diversos elementos que despertam atenção das(os) internautas, como as cenas de

filmes/novelas e a presença de pessoas desconhecidas que protagonizam outros *memes* amplamente viralizados. Com base no método cartográfico, entendemos que não é nossa intenção simplesmente descrever/explicar os *memes*, mas “buscar as intensidades de expressão, aquilo que afeta e produz realidades nos mapas desenhados” (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2020, p. 146). Os *memes* selecionados para compor este texto produzem efeitos de realidade; eles nos afetam diretamente porque dizem respeito à nossa área de atuação na universidade. Cabe a nós, em decorrência disso, tensionar o caráter ético-político-social dos *memes* selecionados, tecendo reflexões que mostram nosso interesse pelas práticas formativas cotidianas em tempos de cibercultura.

Ensino remoto emergencial, EaD e educação *on-line* em tempos de pandemia: o que dizem os *memes*?

A chamada “liberação da palavra”, segundo Lemos e Lévy (2010), é um dos princípios da cibercultura. A esfera da conversação se ampliou com a expansão de sistemas e ferramentas de comunicação como *blogs*, *wikis*, *podcasts*, *softwares* sociais, permitindo a troca de informações entre pessoas e comunidades em mobilidade via dispositivos portáteis de acesso às redes. A liberação do polo de emissão permite “a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, *consumir*, *produzir* e *distribuir informação* sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo” (LE MOS, 2010, p. 25, grifos do autor). Esse princípio da cibercultura faz com que toda(o) e qualquer internauta seja capaz de produzir e compartilhar informações para a rede sem a necessidade de pedir autorização para tal (LE MOS, 2010).

A liberação do polo de emissão coloca em xeque o monopólio das grandes mídias de massa e abre caminho para um novo cenário comunicacional no qual novas práticas, trocas e compartilhamentos de informações acontecem (LEMOS; LÉVY, 2010). A área educativa também é atravessada por essas mudanças, pois as dinâmicas de ensinar-aprender em tempos de cibercultura alteram significativamente a forma como os sujeitos produzem e compartilham informação (COUTO JUNIOR, 2013; MADDALENA, 2018). É nesse cenário das novas possibilidades comunicacionais que surge a noção de educação *on-line* como contexto e fenômeno da cibercultura e não como mera “evolução” das práticas da EaD convencionais (SANTOS, 2010). Com a evolução da internet e os ambientes *on-line*, muitos cursos de EaD mudaram suas aparências, mas continuam mantendo a lógica tradicional da mídia de massa, ao separar os sujeitos da criação dos conteúdos e do próprio desenho didático, mantendo a lógica da transmissão massiva e da autoaprendizagem. Dito isso, conforme relembram Nolasco-Silva, Faria e Bianco (2018, p. 13), “vestir a EaD com as roupas do ensino presencial ou achar que basta inserir a máquina para conduzi-la aos novos hábitos do mundo digital é um risco que não podemos correr”.

Em tempos de pandemia, vimos percebendo, em nossos cotidianos formativos, práticas pedagógicas sofrendo uma transposição das antigas práticas de EaD, que tiveram seus inícios no ensino por correspondência, passando pelos programas de ensino via rádio e TV, até a invenção e popularização da internet (SANTOS, 2010; SANTOS; CARVALHO; PIMENTEL, 2016). O ensino remoto emergencial vem ganhando muito destaque na medida em que é implementado nas práticas pedagógicas dos diversos níveis do sistema educacional público e particular brasileiro durante a pandemia. Essa modalidade de ensino tende a alinhar-

se às antigas práticas de EaD que privilegiam uma dimensão pedagógica meramente conteudista e pouco interativa, além de fazer uso de “plataformas síncronas e assíncronas como o Teams (Microsoft), Google Classroom, Google Meet, Zoom, essas últimas entrando em uma competição acirrada para ver quem consegue pegar a maior fatia do mercado” (ALVES, 2020, p. 152).

Cabe reiterar que, nas lógicas da EaD, é comum separar a criação do material, o(a) professor(a) e o(a) aluno(a). Nessa lógica, o(a) professor(a) é um(a) mero(a) expositor(a) de conteúdos que nem sempre são produzidos por ele(a), enquanto o(a) aluno(a) não intervéem ativamente no desenho didático do tema, não havendo, portanto, interatividade entendida como cocriação na mensagem (SILVA, 2006). Dessa forma, há uma transposição do conteúdo com uma lógica de autoestudo, com videoconferências expositivas gravadas, sem diálogo, debate ou alguma prática interativa. Essa realidade pode ser considerada contrastante para professoras(es) que estão habituados a fazer uso das tecnologias digitais dentro de uma perspectiva mais livre (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020).

No ensino remoto emergencial, podemos observar que há uma prioridade por manter o encontro *on-line* frequente com a turma nas plataformas mencionadas, mas prevalece a lógica do ensino ofertado na sala de aula presencial, sem explorar as potencialidades das interfaces digitais, assim como a interatividade, a autoria, a cocriação na mensagem. Concordamos com Santos (2020, s/p, grifo nosso), para quem o “ensino remoto não é EaD e muito menos Educação *online*. A tecnologia avançou, a rede tem melhores conexões”. No entanto, conforme argumenta a autora, a postura comunicacional em tempos de pandemia permanece muitas vezes restrita a dias e horários específicos, com um acúmulo de atividades que

desencadeia desgaste e até mesmo tédio em estudantes e docentes.

Para a melhora do cenário traçado, concordamos que precisamos rever determinadas dinâmicas educacionais que insistem em colocar em prática uma postura de mera transposição dos encontros presenciais para o ambiente *on-line*, mantendo até os mesmos horários e o cronograma das atividades presenciais realizadas antes do distanciamento físico imposto pela pandemia (ALVES, 2020; SANTOS, 2020). Como consequência disso, sérias dificuldades vêm se apresentando para famílias cujos responsáveis estão trabalhando no formato de

home office e não conseguem ajudar e acompanhar de forma efetiva as(os) filhas(os), gerando, em muitas ocasiões, tensão familiar. Não podemos esquecer que, do “outro lado da tela”, as(os) professoras(es) vêm produzindo vídeos e atividades para o ensino remoto. Essas(es) profissionais, pressionadas(os) pelas instituições educacionais e pelas famílias, têm dedicado parte de suas rotinas diárias a produzir materiais didáticos voltados para a formação das(os) estudantes que permanecem em casa em tempos de quarentena, mas nem sempre esse tipo de material é capaz de tornar os processos de ensinar-aprender dinâmicos e interessantes.

Figuras 1 e 2 – Memes criticando determinadas práticas educativas oferecidas no ensino remoto



Fonte: Imagens capturadas no Twitter no mês de abril de 2020.

Os diversos espaços pelos quais as(os) praticantes transitam nas redes, também entendidos como espaços multirreferenciais de aprendizagem (MACEDO, 2013), agregam a convergência de mídias, ou seja, possuem a capacidade de hibridizar, num único ambiente, várias mídias com multiplicidade de linguagens, como sons, imagens, vídeos, gráficos e textos em geral, para citar alguns (JENKINS, 2009). Nesse cenário, cabe destacar que as práticas de educação *on-line* acontecem no contexto da cibercultura, ou seja, muitas(os) de nós

experimentam diariamente processos formativos interativos que fomentam o lugar de autoria em rede. No entanto, quando essas práticas entram no ensino formal, seja no ensino fundamental, médio ou universitário, precisam de programação e planejamento didático que favoreçam a criação de estratégias pedagógicas à luz das dinâmicas interativas do digital em rede. Isso significa fomentar um trabalho com estudantes abarcando a potencialidade de uma infraestrutura técnica que interconecta pessoas e que permite a criação de proces-

tos de ensinar-aprender mais colaborativos e dinâmicos (LIMA; CARVALHO; COUTO JUNIOR, 2018).

A heteroformação, como formação com o outro (MACEDO, 2013), é um dos elementos que compõe e integra uma visão plural do processo formativo. Concordamos com Macedo (2013, p. 46) em que a formação não se explica, compreende-se; “a formação é um objeto movente, que implica ser compreendido por meio dos seus processos, das suas dinâmicas”. Embora a formação seja sempre um processo individual, ela se constrói a partir da socialização, do encontro com o outro. Assim, a experiência formativa em ambientes digitais alinhada com uma proposta educacional interativa pressupõe a necessidade de uma relação dialógica e de alteridade com o outro (COUTO JUNIOR, 2013). Quando escrevemos em ambientes digitais em rede, a escrita perde o espaço privado e passa a ser parte do ciberespaço, e o que está escrito/exposto implica, sempre, um leitor, um outro que me lê, responde, comenta, cocria minha mensagem (MADDALENA; D ÀVILA; SANTOS, 2018). Acreditamos que é nesse encontro com o outro nas diversas experiências com o digital em rede que formamos ao mesmo tempo que nos formamos.

O que vemos nos *memes* da pandemia é uma crítica à transposição de muitas práticas do presencial expositivo tradicional para o digital. A frustração de não conseguir planejar/criar uma aula *on-line* é muito grande, pois a falta de experiência educativa nas plataformas digitais pode fazer com que muitas(os) docentes caiam na armadilha de acreditar que não existe a necessidade de um planejamento cuidadoso e criterioso em torno dos conhecimentos que serão trabalhados em parceria com as(os) estudantes (SANTOS; SILVA, 2009). Sob essa perspectiva, concordamos com Pretto, Bonilla e Sena (2020) em que o momento de pandemia não deve ser tomado como justifica-

tiva para iniciar, de forma imediata e sem planejamento, um trabalho que não fazia parte do cotidiano das(os) professoras(es) e alunas(os). Como consequência disso, vimos percebendo a criação de vídeos compartilhados por professoras(es) que, de forma meramente expositiva e desinteressante, colocam em prática uma docência que desconhece as características centrais de um desenho didático interativo (SANTOS; SILVA, 2009).

Figura 3 – Qual educação vimos praticando na rede em tempos de pandemia?



Fonte: Imagem capturada no Facebook no mês de maio de 2020.

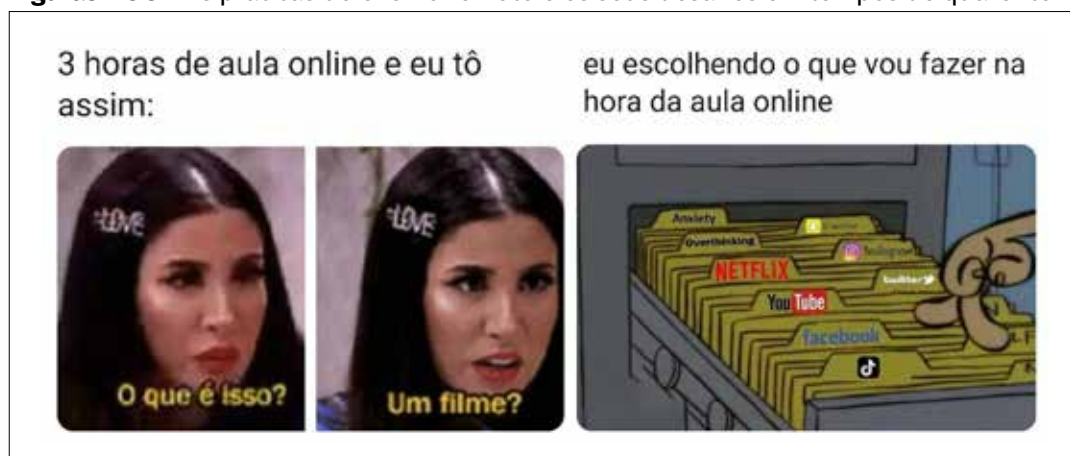
No contexto da pandemia, o mundo atravessa um momento de crise nunca antes experienciado que acaba por desencadear, em grande parte dos sujeitos, sentimentos e tensões como ansiedade, insegurança, frustração e medo. Importante frisar que, “diante de uma situação atípica, como a da pandemia e tudo o que ela acarreta, torna-se mais evidente o cuidado em relação à carga emocional que atravessa esses processos” (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020, p. 12). Como consequência disso, assistimos com muita preocupação ao aumento das mortes causadas pelo novo coronavírus;

ao mesmo tempo, assistimos com muita tristeza a professoras(es) sendo pressionadas(os) pela direção escolar a produzir materiais didáticos para suas turmas de educação básica. Processo semelhante tem ocorrido também no interior de algumas universidades brasileiras, especialmente as particulares, cujas(os) professoras(es) são pressionadas(os) pela direção/reitoria para produzir conteúdos a serem compartilhados nas plataformas *on-line*. Como pensar em práticas formativas mediadas pelo digital em rede em um momento de pandemia no qual estamos sujeitos à contaminação pelo novo coronavírus? Quais conhecimentos precisam ser trabalhados com as(os) estudantes nesse contexto? Ademais, como é possível educar na cibercultura frente a uma pandemia que vem trazendo repercussões preocupantes, como o aumento do desemprego, e expondo a fragilidade dos sistemas de saúde? Essas e outras questões ainda precisam ser mais bem discutidas e aprofundadas em outros trabalhos, embora o cenário do porvir já esteja apontando para um futuro bastante incerto e atravessado pelo aumento das desigualdades sociais em todo o mundo.

Como profissionais do campo educacional, também estamos interessados em (re)pensar práticas formativas na cibercultura em tempos

de COVID-19 para todas as crianças, jovens e adultos que se encontram de quarentena. Não podemos ignorar que famílias de todas as partes do mundo permanecem em suas casas buscando outras estratégias formativas para suas/seus filhas(os) e netas(os) que, no momento, não estão frequentando a escola ou a universidade. Nesse sentido, questionamo-nos sobre as práticas de educação *on-line* que estão transpondo de forma massiva os conhecimentos trabalhados em sala de aula. Em tempos de isolamento físico, o que as(os) professoras(es) têm feito e podem fazer para proporcionar novas possibilidades formativas na rede? Os *memes* a seguir trazem algumas pistas sobre isso, expondo a dificuldade que as(os) estudantes têm enfrentado com a experiência do ensino remoto emergencial, justamente pela transposição massiva dos conteúdos que, em alguns casos, são realizados durante um período extenso de tempo, próximo ou igual ao do ensino presencial. Como consequência disso, vimos acompanhando na rede diversos *memes* que evidenciam o desinteresse das(os) estudantes durante as dinâmicas educacionais *on-line* em tempos de pandemia, fazendo com que não raramente essas dinâmicas não incentivem a própria participação/colaboração na produção de conhecimento.

Figuras 4 e 5 – As práticas do ensino remoto e os seus desafios em tempos de quarentena



Fonte: Imagens capturadas no Twitter no mês de julho de 2020.

Tomando como base essa conjuntura, destacamos o quanto é importante que o contato com o outro com o uso das redes sociais digitais seja explorado de acordo com as suas potencialidades. Nesse sentido, podemos citar as manifestações de afeto e apoio que, a nosso ver, constituem o aspecto mais importante em tempos de dispersão geográfica. Afinal, a troca de afetos na rede ocorre pelo “simples fato de que é bom estar junto, ainda mais quando o compartilhamento, a reciprocidade e a cumplicidade não têm outro destino ou finalidade a não ser o puro, singelo e radical prazer de estar

junto” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 25-26). São múltiplas as possibilidades de estreitamento das relações sociais e afetivas, tais como: rodas de conversa, *playlists* musicais, contação de histórias, sugestões de filmes e *lives*, para citar alguns. Essas vêm sendo algumas estratégias encontradas pelas(os) internautas em tempos de quarentena para permanecer próximas(os) dos familiares e amigas(os). Consequentemente, o estar próximo em/na rede também é uma experiência formativa capaz de proporcionar múltiplos aprendizados-ensinamentos.

Figuras 6 e 7 – Quando a obrigatoriedade da sala de aula virtual torna-se desprazerosa



Fonte: Imagens capturadas no WhatsApp no mês de março de 2020.

No entanto, não podemos ignorar as implicações negativas da quarentena para os processos de ensinar-aprender. No caso da educação básica brasileira, cabe destacar que algumas estratégias pedagógicas vêm sendo utilizadas na rede privada de ensino, como aponta Alves (2020). De acordo com a autora, muitas dessas atividades realizadas com o uso de computadores “baseiam-se na correção dos exercícios que foram encaminhados para os pais por meio de exercícios impressos e/ou as páginas indicadas nos livros. Os professores corrigem junto com as crianças, isto é, aquelas que são lembradas e chamadas para participar” (p. 359). A crítica apresentada por

Alves (2020) diz respeito à impossibilidade de se evidenciar a aprendizagem da criança apenas por meio da correção de exercícios e da mera exposição dos conceitos apresentados na tela do computador. O *meme* da Figura 6 sugere que as atividades escolares realizadas em casa também permitem uma nova forma de evasão escolar: basta a criança não entrar na plataforma ou simplesmente desligar a câmera e o microfone do dispositivo digital.

Aprender é muito mais do que simplesmente explicar uma ideia e propor uma atividade, pois envolve o dito e o não dito, o acompanhamento de um processo educacional diário que apresenta desafios quando estamos em

tempos de isolamento físico. Esse processo se complexifica (ainda mais) na educação de crianças, quando a brincadeira e a ludicidade são aspectos imprescindíveis na produção de conhecimento. Embora não esteja se referindo aos tempos de COVID-19, Nogueira (2007, p. 113) apresenta reflexões importantes sobre o quanto o prazer pela aprendizagem da criança na escola pode dar lugar à frustração e ao desinteresse com o uso do computador. Segundo ela, “o computador, objeto de prazer em casa, entra na escola, muitas vezes, transfigurado em trabalho-obrigação, perde seu encanto, seu mistério. Por que a escola não aproveita o interesse da criança pelo computador? Por que torna maçante o que é, em outros contextos, interessante?”.

Longe de buscarmos respostas conclusivas aos desafios educacionais contemporâneos, argumentamos que a pandemia pode ser uma oportunidade importante para professoras(es) colocarem em prática uma reflexão sobre suas próprias dinâmicas pedagógicas, fazendo da internet um campo de experimentação prazeroso, no lugar de um espaço destinado exclusivamente à mera exposição de conteúdos escolares.

Aprender com o vírus, aprender com o mundo: para não concluir

Na obra *A importância do ato de ler*, Paulo Freire (1989) argumenta que a leitura da palavra é precedida pela leitura do mundo. Nesse contexto, concordamos que existe uma relação dinâmica entre linguagem e realidade, sendo a leitura crítica um aspecto crucial para entender o texto com base no contexto que habitamos. Cabe a nós, pesquisadores da Educação implicados com as questões sociais envolvendo as dinâmicas ciber culturais, caminhar com os tantos ensinamentos proporcionados pelo mestre Paulo Freire. Em tempos de pan-

demia, não podemos dar prioridade ao ensino de conteúdos na lógica da educação bancária, sem considerar o contexto das(os) estudantes.

É nessa “leitura do mundo” que percebemos um Brasil desigual, ocupado por um governo que vem colocando em ação uma política de sucateamento das instituições de ensino públicas. Não faltam recursos tecnológicos e interfaces digitais capazes de potencializar práticas educacionais dinâmicas e interessantes para os(as) estudantes. Em nossa “leitura do mundo”, experimentamos uma angústia que recai principalmente sobre a impossibilidade de que todas as pessoas tenham condições de usufruir de práticas formativas ciber culturais na quarentena (e para além da quarentena).

Os grupos historicamente excluídos estão mais vulneráveis na pandemia. O acesso aos direitos fundamentais, como a saúde e a educação, está sob ameaça em função dos cortes de investimento no setor público e da defesa de uma lógica do mercado sobre a democrática. Concordamos com as palavras do professor Gaudêncio Frigotto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em entrevista concedida à *Revista Teias* em 2019. De acordo com ele, a universidade pública precisa ter o conhecimento como direito universal, temos que parar de gerar o conhecimento priorizando o mercado, temos que produzir um conhecimento para a sociedade. Todas as lógicas com as que o atual governo do Brasil pensa a educação, em todos seus níveis e modalidades, servem ao mercado: as mudanças na gestão, na teoria, nos métodos, nos conteúdos e até no direito de interpretar (FRIGOTTO; RIBEIRO; NOLASCO-SILVA, 2019).

Em tempos de pandemia, entendemos que a EaD e o ensino remoto emergencial tornam-se a “solução perfeita” para efetivar um projeto de governo aliado às lógicas mercadológicas. Cabem aqui alguns questionamentos necessários sobre isso: qual é o entendimento de EaD

e de ensino remoto que ele defende? De que forma pensa e opera com a infraestrutura técnica? As plataformas propostas para o ensino fundamental e médio são fundadas em *softwares* livres ou comerciais? A internet é pensada como um direito universal? Como fazer com que todas(os) as(os) estudantes do ensino público tenham acesso às aulas *on-line*? Como está sendo a formação das(os) professoras(es) dos diversos níveis do sistema educacional brasileiro? Essas são apenas algumas questões que, no momento, norteiam nossa leitura de mundo em tempos de pandemia. Uma coisa é certa: cabe continuarmos investindo em metodologias mediadas pelo digital em rede que estejam alinhadas com a vivacidade com a qual nós, como internautas, interagimos nos ambientes digitais, colocando em xeque a premissa de que as tecnologias digitais, por si sós, seriam capazes de revolucionar os processos de ensinar-aprender.

O que o novo coronavírus vem nos ensinando? Kohan (2020, p. 56) oferece algumas pistas, apontando que a pandemia está permitindo ao planeta ganhar “um pouco de ar. Os céus estão mais limpos. Os animais respiram com alívio. Se isto continuar por alguns meses, até a Baía de Guanabara vai poder respirar. Mas não é só o planeta que respira: nós mesmos, seres humanos, podemos respirar outros ares”. Com boa parte das atividades educacionais presenciais suspensas em todo o mundo, esses tempos de isolamento físico oferecem às(aos) professoras(es) a oportunidade de refletir sobre quais ares buscarão respirar com as(os) estudantes (seja da educação básica ou do ensino universitário).

Ressaltamos que não faltam propostas pedagógicas inovadoras ou interfaces digitais capazes de garantir a produção de conhecimento em/na rede; falta maior democratização de acesso à rede, principalmente em países como o Brasil, que antes mesmo da pandemia

já apresentava distribuição de renda bastante desigual e, conseqüentemente, altos índices de exclusão digital. Para os sujeitos mais pobres, a prioridade na pandemia não é – e nem poderia ser – a educação mediada por tecnologias digitais, mas a busca por suprir as necessidades básicas diárias que garantam a sobrevivência das suas famílias. A falta de infraestrutura técnica para que o ensino *on-line* seja implementado fica em segundo plano quando percebemos que os principais desafios dessas pessoas incluem a aquisição de alimentos, a preocupação em como gerar renda quando até mesmo o trabalho informal apresenta demanda menor, o medo da contaminação pelo novo coronavírus, além da problemática do acesso/atendimento à saúde pública (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020).

Por fim, se quisermos permanecer vivas(os) com a mutação do vírus, precisaremos rever nossa vida cotidiana (PRECIADO, 2020). O vírus nos ensina a cada dia que ele precisa de hospedeiros(as) para permanecer vivo e continuar circulando pelas diferentes regiões do planeta. No entanto, ele também nos ensina que nem todas as pessoas têm o luxo de permanecer em quarentena. Nesse caso, quem vence a batalha contra a morte é ele... E o que a educação tem a ver com isso? Tudo. Afinal, acreditamos no potencial da educação para transformar o mundo que temos hoje. Para isso, ancoramo-nos na utopia, porque ela nos inspira a seguir em frente na luta em defesa de uma educação pública, gratuita, laica e de qualidade no Brasil.

Referências

ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2WrGjp5>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Cibercultura, juven-**

tude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 17-38, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2EsoMEd>>. Acesso em: 22 maio 2019.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; VELLOSO, Luciana; SANTOS, Rosemary dos. Os movimentos cibertivistas de (re)existência nas redes sociais e suas implicações para a educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 91-108, jan./mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2weX6Bj>>. Acesso em: 1 mar. 2020.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZS4X8>>. Acesso: 15 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio; RIBEIRO, Adélia Miglievich; NOLASCO-SILVA, Leonardo. Entrevista: Nossa tarefa agora é recuperar a universidade necessária, a universidade que tenha o conhecimento. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 56, p. 188-199, jan./mar. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3cGAoC6>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

HENRIQUE, Trazíbulu. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMptG5>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Tradução de Suzana Alexandria. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilianna. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

KOHAN, Walter Omar. Formação inventiva de professores em tempos de pandemia: o que um louco lúcido nos convida a pensar e escrever? **Mnemosi-ne**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 53-66, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2CyFgMC>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, Caroline Costa Nudes; CARVALHO, Felipe Silva Ponte; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. A linguagem emocional na prática docente online: implicações educacionais cotidianas. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 4, n. 3, p. 542-557, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2VunFNd>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica.** O socioconstrucionismo curricular em perspectiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MADDALENA, Tania. **Digital Storytelling:** uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura. 2018. 204f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MADDALENA, Tania Lucía; D'ÁVILA, Carina; SANTOS, Edméa. Visual Storytelling e pesquisa-formação na cibercultura. **Revista Brasileira de Pesquisa Autobiográfica**, Salvador, v. 3, n. 7, p. 290-305, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3bE4plH>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

NOGUEIRA, Letícia. Imagens da criança no computador. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). **Infância e produção cultural.** 6. Ed. São Paulo: Papi-rus, 2007, p. 109-29.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; FARIA, Lia; BIANCO, Vittorio Lo. Educação a Distância, cultura da convergência e audiovisualidades: apontamentos para a formação de professores. **Revista Brasileira de**

Aprendizagem Aberta e a Distância, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-21, jun. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/355KlFG>>. Acesso em: 5 out. 2019.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; BIANCO, Vittorio Lo. Os memes e o golpe. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 111-130, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2kW2Pqq>>. Acesso em: 20 set. 2019.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2QtXyVC>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. Aprendiendo del virus. In: **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, p. 163-185.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula (Orgs). **Educação em tempos de pandemia**: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do autor, 2020.

RAMOS, Hugo Souza Garcia; PEDRINI, Mateus Dias; RODRIGUES, Alexsandro. Cartografia e pesquisas com os cotidianos: um encontro metodológico. **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 2, p. 139-151, jan. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/33SkvVK>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te -ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 38, p. 118-128, abr. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2v00Y59>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, Sessão Notícias, s/p, junho 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZYm2tk>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias**: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011, p. 75-98.

SANTOS, Edméa. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (Orgs.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak, 2010, p. 29-48.

SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe Silva Ponte; PIMENTEL, Mariano. Mediação docente online para colaboração: notas de uma pesquisa-formação na cibercultura. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 23-42, abr. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2KykSMn>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Raquel; CARVALHO, Felipe Silva Ponte. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? **Quaestio**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2MGandy>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SANTOS, Edméa; SILVA, Marco. O desenho didático interativo na educação online. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 49, p. 267-287, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2x8ZSc5>> Acesso em 20 abr. 2020.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

Recebido em: 27/07/2020

Revisado em: 12/12/2020

Aprovado em: 14/12/2020

Tania Lucía Maddalena é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora no Programa de Pós-Graduação Formação de Professores para o Ensino Médio, Formação Profissional e Ensino de Línguas na Universidad Internacional de La Rioja (UNIR/Espanha). Membro do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC). *E-mail:* tlmaddalena@gmail.com

Dilton Ribeiro Couto Junior é doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor adjunto da Faculdade de Educação da UERJ e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. *E-mail:* junnior_2003@yahoo.com.br

Marcelle Medeiros Teixeira é mestranda, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF). *E-mail:* marcellemteixeira@gmail.com